

O TIRO NACIONAL

BOLETIM OFICIAL

DA

FEDERAÇÃO DO TIRO NACIONAL PORTUGUÊS

(Instituída pelo Decreto n.º 2234 de 24 de Fevereiro de 1916)

Filiada na Union Internationale de Tir

DIRECTOR, PROPRIETÁRIO E EDITOR
COMISSÃO EXECUTIVA
DA FEDERAÇÃO DO TIRO NACIONAL PORTUGUÊS

SÉDE PROVISÓRIA
LARGO DOS LOIOS, 11, 3.º
LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA AMÉRICA
RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 267-LISBOA

SUMARIO

PARTE OFICIAL :

XXVI Concurso Nacional de Tiro, 1926
O Tiro Nacional e o Estado—D. C.
Os nossos Mestres Atiradores
Sede da Federação

PARTE NÃO OFICIAL :

A limpêsa das armas—A. Martins
Armas e Munições—Tenente Mateus Soares
Iniciativas—Raul Bastos

— 980 —

PARTE OFICIAL

XXVI Concurso Nacional de Tiro 1926

A data da abertura deste grande certame nacional, marcada para 20 de junho e seguidamente para 20 de julho, foi mais uma vez alterada.

A excepcional duração das escolas de recrutas no corrente ano, mantendo impedidos muitos dos nossos melhores atiradores militares, constituiu, logo de início, um dos maiores embaraços á realisação do C. N. T. na época regulamentar.

Por outro lado, também não tem sido possível dar aos trabalhos da nova instalação telefonica, já bastante adiantados na Carreira de Pedrouços a celeridade tão ambicionada pelo illustre Director d'aquelle estabelecimento, devendo a sua conclusão ocupar ainda quasi todo o mês de julho.

Assim, foi fixado o dia 1 de Agosto para a abertura da maior manifestação de vida do Tiro Nacional, não sendo de supôr que surja um novo adiamento.

Levando este facto ao conhecimento de todos os atiradores portugueses, a Comissão Executiva da Federação aproveita o ensejo para chamar a atenção de todas as Sociedades de Tiro para a obrigação que a todos nós cumpre de concorrer para o máximo brilhantismo do Concurso Nacional, já fazendo com que nela se faça representar o maior numero de Sociedades, já facilitando a missão do Juri, oferecendo ou angariando premios em todo o paiz.

Torna-se indispensavel ir vencendo, ainda com sacrificio, os obstaculos que até ao presente não tem consentido uma numerosa concorrencia de «équipes» das S. T. ao «Campeonato Colectivo».

O Juri não deixará de atender, na distribuição das provas, á necessidade de demorar pouco na Capital os atiradores da provincia.

A Federação, por seu lado, procurará auxiliar a remoção dos embaraços a uma boa representação das Sociedades.

Deve também realisar-se durante o Concurso Nacional, a assembleia geral ordinaria da Federação, para eleição dos seus novos corpos gerentes e apreciação de contas.

A actual Comissão Executiva, por se não ter realiado a assembleia de 1925, foi obrigada a manter-se mais um ano no exercicio das suas funções, que, sobretudo nos ultimos tempos, tem sido bastante arduas e, infelizmente, nem sempre proficuas, por motivos estranhos á vontade dos seus componentes.

Na fase de remodelação em que entrou o Tiro Nacional, torna-se indispensavel a cooperação de todos os atiradores filiados, e isso só pode conseguir-se desde que todas as S. T. enviem os seus delegados á assembleia geral habilitados a tratar dos assuntos julgados vitais.

Pena é que nessa data não possam estar concluidos os trabalhos da Comissão nomeada pelo Ministerio da Guerra para estudar as modificações a introduzir no Regulamento do Tiro Nacional, porque então, partindo de uma base segura, mais facil seria marcar um novo programa de realisações em favor da nossa patriotica causa.

O Tiro Nacional e o Estado

Vem a Federação do Tiro há muito trabalhando para conseguir que em Portugal seja devidamente encarada pelo Estado a magna questão da instrução do tiro, quer nas escolas, quer nas sociedades desportivas. Tem por vezes a Federação sido ouvida e, se pouco até hoje tem feito, não desanimou todavia e espera, agora mais que nunca, que o problema seja devidamente encarado pelo novo governo, que prometeu cuidar a serio da nossa defesa territorial.

A pratica do tiro é, a nosso ver, um dos capitulos mais simples e dos mais importantes para ser estudado e posto em pratica.

Simplez, porque todos poderão pratical-o com prazer e ao Estado pouco onéira.

Importante, porque habilita todos a saberem servir-se da sua arma e a usa-la no momento em que a Patria o exija.

Não temos por esse paiz fóra as carreiras de tiro necessarias para que a instrução pratica se ministre, e muitas das Carreiras existentes ficam tão distantes das localidades que só a força de vontade dos verdadeiros apaixonados ali os leva.

Sabemos que, carreiras de tiro dos modelos aprovados pelo Ministerio da Guerra para a instrução de tropas, não podem ser construidas em todos os pontos que nos pareçam comodios para a frequencia; mas, devem ser estudadas carreiras de modelos mais pequenos para tiro até 50 metros, quer para pequena carabina, quer mesmo para a nossa Mauser com cano reduzido. Estas Carreiras já podiam ser construidas dentro de muitas povoações, de facil acesso e de grande proveito.

Para executar o tiro e tornarmo-nos mesmo excelentes atiradores, não precisamos mais que fazer fogo a 50 metros. Quem a esta distancia fôr perfeito, atira a distancias superiores com os mesmos erros d'aqueles que se instruíram a distancias maiores.

Estas carreiras, muito mais baratas de construção e manutenção, são aquelas que nós gostaríamos de ver disseminadas pelo paiz.

A munição de preço muito inferior á munição de guerra, é, por isso, tambem mais acessivel ao atirador.

Quanto a armas, não se adquirindo as carabinas de cal. 22, poder se-hiam adoptar as nossas armas já improprias para o serviço, com a camisa redutora de calibre

Assim, teriamos tudo quanto bastava para uma eficaz inst-ucção pratica do tiro.

Em carreiras d'esta natureza e com armas d'este calibre, preparam-se os atiradores suissos e franceses e, se outros não citamos, é porque não conhecemos

Grandes celebridades mundiais de tiro, não fazem habitualmente fogo a mais de 50 metros e isso lhes basta para treino do tiro a 300 metros.

Em Portugal temos tudo por fazer. A' Federa-

ção do Tiro Nacional incumbe contribuir no maximo das suas forças para a resolução deste problema, mas nem tudo está nas suas mãos e por isso, ela espera confiada que o novo governo não deixará de contribuir, como é seu dever, para a resolução rapida do problema, já tornando os exercicios de tiro obrigatorios nas Escolas, já construindo Carreiras apropriadas, a este tiro.

Ha anos, iniciamos uma larga campanha no sentido de tornar efectiva a construção de varias carreiras e podemos observar o interesse que despertamos pelo apoio que recebemos de todos os pontos do paiz.

De todas as Camaras Municipais recebemos, ou promessa de donativos para a nossa Cruzada, ou oferecimento de terrenos para a construção d'essas carreiras. Isto demonstra o desejo d'essas corporações em contribuir para a resolução do problema.

Não poderam ser aproveitados na ocasião, tão patrioticos auxilios, mas hoje, que a Federação do Tiro é um facto, nós esperamos que por intermedio das nossas Sociedades de Tiro muitos alvitres e auxilios cheguem até nós, dando-nos força para prosseguir na nossa cruzada.

D. C

— 000 —

Os nossos Mestres Atiradores

A poucos dias já do XXVI C. N. T., damos em seguida as listas dos atiradores portugueses que até ao ultimo Concurso Nacional conseguiram o diploma de «Mestre Atirador», indicando apenas o ultimo ano em que o obtiveram, porquanto a bastantes foi concedido por duas, tres e até mesmo sete vezes.

Espingarda — 200^m.

Adolfo Ferreira Lima	1925
Alfredo da Costa Pais	1923
Alfredo da Costa Santos	1924
Amadeu Acacio Salgado Dôres	1919
Amadeu da Paz Olimpico	1925
Anibal Alves Moreira	1925
Anibal de Jesus	1923
Anisio Soares	1925
Antonio Augusto da Silva Martins	1923
Antonio Duarte Montez	1920
Antonio José Baptista	1925
Antonio Maria Carvalhosa	1913
Antonio Maria de Andrade e Sousa	1916
Antonio Moraes dos Santos	1916
Antonio Pinto	1913
Antonio dos Reis Neves	1925
Antonio dos Santos	1923
Antonio Soares de Andréa Ferreira	1924
Celestino Baptista da Silva	1922
Dario Canas	1924

Ernesto J. de Aranjó Pancada	1925	João Pedro Gaspar	1924
Eugenio de Noronha	1919	Joaquim Augusto da Silva Martins	1921
Eurico Augusto da Silva	1925	José Lopes Abegão	1925
Felix Bermudes	1920	Mateus Fortunato Soares	1924
Francisco Antonio Real	1922		
Francisco Jorge de Carvalho	1925	Pistola de precisão — 50 ^m . *	
Francisco Lopes de Oliveira	1925	Antonio Duarte Montez	1925
Francisco de Oliveira Coelho	1925		
Francisco Paulo dos Santos Mendonça	1924		
Henrique Guilherme da Silva	1919		
Herminio Rebelo	1925		
Ismael Teixeira de Sá	1925		
João Isidro Tavares Montano	1922		
João José Calais Grilo	1913		
João Matos	1915		
João de Moraes Carvela	1912		
João Pedro Gaspar	1923		
Joaquim Feliciano de Azevedo	1922		
Joaquim Gomes Murta	1923		
Joaquim da Silva Raposo	1921		
Jorge Francisco de Carvalho	1920		
José Antonio Lavadinho	1921		
José Antonio da Silva	1913		
José Francisco dos Rios	1924		
José Honorato de Mendonça Junior	1912		
José Lopes Abegão	1919		
Justino da Cruz	1912		
Leôncio Silvestre da Silva	1913		
Luiz Filipe de Albuquerque Rebelo	1925		
Manuel Brasil de Araujo Ribeiro	1920		
Manuel Pais de Oliveira	1919		
Manuel da Silva Coelho	1921		
Manuel da Silva Guerra	1925		
Narciso da Silva Bastos	1913		
Paulino Teixeira	1924		
Raul da Cruz Pereira	1925		
Espingarda — 300 ^m .			
Adolfo Ferreira Lima	1912		
Anibal de Jesus	1925		
Dario Canas	1920		
Francisco Paulo dos Santos Mendonça	1917		
Herminio Rebelo	1925		
Jorge Francisco de Carvalho	1916		
José Francisco dos Rios	1924		
José Honorato de Mendonça Junior	1912		
Manuel da Silva Guerra	1924		
Pistola — 25 ^m .			
Alfredo da Costa Santos	1924		
Amadeu Accacio Salgado Dôres	1925		
Anibal de Jesus	1924		
Antonio Augusto da Silva Martins	1921		
Antonio Duarte Montez	1925		
Antonio dos Santos	1925		
Antonio Soares de Andréa Ferreira	1925		
Dario Canas	1925		
Diolindo Evangelista	1925		
Felix Bermudes	1923		
Francisco Antonio Gonçalves	1925		
Francisco Paulo dos Santos Mendonça	1924		
Gustavo Adolfo de Couveia	1925		
Herminio Rebelo	1925		

SÉDE DA FEDERAÇÃO

Prevenimos as Sociedades de Tiro e os nossos presados assinantes de que a séde provisória da Federação de Tiro Nacional Português, foi transferida para o Largo dos Loios II, 3.º, para onde deve, de futuro, ser dirigida toda a correspondencia.

PARTE NÃO OFICIAL

A limpêsa das armas

«Le Tir Nacional» de 1 de junho de 1926 traz um artigo que resume um outro do jornal «American Rifleman» sobre a limpêsa das armas.

Depois de estudar o assunto, apresenta como solvente ideal aquele que tivesse as seguintes propriedades:

a) Dissolver o cloreto de potássio (produto de transformação do clorato).

b) Neutralizar os produtos ácidos eventuais;

c) Tirar os resíduos metálicos;

d) Poupar os mecanismos.

Afirmando que a pessoa idónea para avaliar o valor dum produto, dum desses muitos produtos que abundam no mercado, é apenas um químico que determinará o poder dissolvente da preparação em relação ao cloreto de potássio, principal factor da corrosão das armas, indica que se deve fazer o seguinte:

1.º — Limpar as armas com o solvente correspondente ás condições enunciadas, empregando um escovilhão em fio de latão, rígido, cujo uso é capital para os canos, porque actua desagregando a camada de residuos sólidos constituída por residuos de pólvora, substâncias salinas e depósitos metálicos, e permite assim a perfeita dissolução do cloreto.

2.º — Tirar todo o solvente cuidadosamente e enxugar a seco até limpêsa perfeita.

3.º — Untar com uma boa gordura própria para armas, de que não é necessário pôr uma grande espessura. Basta impregnar um pequeno fragmento de tecido com a gordura utilizada (nunca gorduras vegetais ou animais) e passá-lo repetidas vezes no cano.

Feito isto, não se produzirá corrosão secundária e as limpêsas repetidas serão inúteis.

A. Martins

ARMAS E MUNIÇÕES

(Continuação)

Porque tomámos um acentuado gosto pelo tiro, voltámos, mas então individualmente, ao concurso de 1925, igualmente desprovidos de espingardas, ao contrario do que sucede com os atiradores "de verdade" que têm armas proprias que exclusivamente utilizam e de que, justificadamente, fazem objecto de carinhoso tratamento e tão carinhoso como muitos filhos não podem gabar-se de receber das proprias mães.

Tinham-nos asseverado que na carreira de Pedrouços havia naquele ano um regular numero de espingardas novas ou beneficiadas e estavamos certos de que teríamos facilidade em conseguir uma delas.

Baldadas foram todos os nossos esforços para obtermos uma espingarda que nos ajudasse a fazer alguma coisa de geito, para intensificar, para estimular, emfim, o gosto pela pratica do tiro, verificada, como foi, a impossibilidade de utilizarmos as que nos eram facultadas e que experimentámos e reputámos em condições de não devermos utilizar.

Desprovidos como estavamos de espingarda, voltámos então a nossa exclusiva atenção para o tiro de pistola, visto possuirmos uma Parabelum magnifica com que estavamos perfeitamente identificados.

Não fomos mais felizes, porque a deficiencia que havíamos sofrido com a falta de arma para o tiro de espingarda, repetia-se com a qualidade das munições para o tiro de pistola.

As munições existentes na carreira, de fabrico nacional, eram de tal qualidade que tendo nos no concurso antecedente conseguido obter um diploma de "Mestre atirador", utilizando uma arma inegavelmente boa, mas que desconhecíamos, verificámos a desoladora realidade de não conseguirmos, e com dificuldade, mais que um modesto diploma de "Bom atirador", não obstante manejarmos uma pistola verificadamente boa e com a qual estava absolutamente identificados.

Crêmos que todos os atiradores de pistola constatarão esta nossa afirmação e nolaram a pouca eficiencia das munições de fabrico nacional, do que resultou que em determinada altura do concurso, foram fornecidas munições austriacas com que os menos apressados, mas neste caso mais felizes, efectuaram as suas provas.

Nós já não pudémos repetir as que havíamos feito, do que nos resultou uma consideravel diminuição de pontos a contar no apuramento final, em virtude do que difficilmente mantivémos o nosso logar no "Dóze Nacional á Pistola".

As nossas conclusões?

Estas, simplesmente, modestamente, despretençiosamente: que é absolutamente indispensavel a mais rigorosa selecção nas armas a utilizar e nas munições a empregar em certamens de excepcional grandeza, como devem ser os Concursos Nacionaes

de Tiro, porquanto o factor "chance", que tanto nos aproveitou em 1924, sómente substitue as facultades do atirador, mas nunca supre as deficiencias do material.

É, pelo menos, o que verificámos quanto a nós.
Guarda, Abril 1926

Tenente MATEUS SOARES

—O—C—

INICIATIVAS...

Lendo ha dias a secção desportiva do "Diario de Noticias" deparei com certo alvoroço, com uma noticia em que figurava o nome do primoroso "sportsman" Carlos Gonçalves, como dirigente e organisador duma agremiação no Estoril em cujo programa, magnificamente elaborado, se destaca a criação duma carreira de tiro para os amadores de tão interessante desporto. Não vi o club, não conheço a envergadura do empreendimento, nada sei em que possa assentar uma opinião; porém, o facto de estar Carlos Gonçalves á frente da briosa iniciativa — ele que não deixa os seus creditos á mercê de um desaire — anima-me a supor que em muito a sua acção irá contribuir para a valorisação da causa do desporto entre nós e para que ela seja sentida de facto, a dentro do legítimo logar que lhe compete entre os meios internacionais.

Como pessoa decididamente pratica, irá, certamente, promover interessantes encontros nacionais e internacionais, não só na especialidade que proficientemente pratica e dirige, mas ainda, dentro da esfera da sua acção, em tudo aquilo em que possamos atingir, com brilho, os primeiros logares.

Como o assunto me interessa em especial, acode-me, por natural associação de ideias, encarar a possibilidade de se aproveitar já o proximo Concurso Nacional de Tiro para nele se obter a selecção dos atiradores nacionais preparados na sua melhor forma e, ao mesmo tempo, convidar os esplendidos atiradores hespanhois que por ocasião desse Concurso costumam visitar-nos, para disputarem, com as nossas melhores possibilidades, alguns encontros em pistola e carabina de precisão.

Estou certo de que atiradores como Dr. Martins Bermudes, Montez, Andrea, Rebelo, major Real, Matos, Mendonça, tenentes Guerra e Anizio, Pancada, etc., — entre outros, — á pistola e carabina podiam fazer brilhante figura em qualquer dos paizes do mundo onde, em encontros sensacionais costumam acorrer os melhores das respectivas especialidades.

Perpassa-me pela mente quão lisongeira seria para Portugal a conquista de dificeis victorias disputadas em nobre esforço nessa encantadora estancia em bellissimas tardes de verão, entre preciosa e escolhida assistencia, lembrando as grandes provas de S. Sebastian, Biarritz, Nice, Monte Carlo...

E porque não?!

Tem a palavra esse portuguez, esse homem de pulso e iniciativa a quem o Estoril mais deve!

Raul Bastos.